

## **DA ESCRITA À REESCRITA: PRATICANDO O GÊNERO “MEMÓRIAS LITERÁRIAS” EM UMA TURMA DE 7º ANO**

Jaqueline Avelino da Silva<sup>1</sup>  
Maria Alice Feitosa de Lima<sup>2</sup>  
Orientador Marcelo Medeiros da Silva<sup>3</sup>

### **INTRODUÇÃO**

A produção de textos deve ser um dos eixos estruturantes do ensino de língua portuguesa de maneira que o aluno consiga, por meio da produção de diversos gêneros, se apropriar da escrita como ferramenta social e intervir nas diversas instâncias em que essa ferramenta se fizer necessária. Entretanto, se o exercício da escrita é uma prática inerente ao ensino de língua materna, notamos que o exercício da reescrita não é uma prática tão corriqueira assim. A ausência de atividades de reescrita leva à crença de que a produção de um texto é um dom e, portanto, inacessível para aqueles que não foram iluminados, quando, na realidade, escrever é um processo ao longo do qual a reescrita é uma etapa de suma importância.

Considerando que não podemos dissociar a produção de texto do processo de reescrita, este trabalho procura descrever e discutir o processo de aplicação de uma sequência didática voltada para a produção e reescrita do gênero “Memórias literárias”, desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), entre os dias vinte e três de julho a primeiro de agosto de 2019.

O PIBID é um programa que possibilita o aluno da universidade ter um contato mais efetivo com o ambiente escolar, especificamente com a sala de aula e seus constantes desafios. Do conjunto de intervenções que temos realizado em uma escola da rede pública de ensino no cariri paraibano, vamos nos deter no relato e na reflexão de uma experiência de produção do gênero “memórias literárias” em uma turma de 7º ano do ensino fundamental II, que era composta por vinte e nove alunos com uma idade média entre 12 e 14 anos.

### **PRODUÇÃO E REESCRITA DE TEXTOS NO ESPAÇO ESCOLAR**

Produzir um texto, seja oral, seja escrito, é uma atividade resultado da coprodução de dois ou mais interlocutores. Dentro do contexto escolar, o trabalho com a produção de textos visa de maneira geral formar alunos-escritores capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes. A escola, como instância de formação cidadã, é a principal responsável por

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras Português do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba - PB, [jaquelineasilva262@gmail.com](mailto:jaquelineasilva262@gmail.com) ;

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Letras Português do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba - PB [mafeitoza24@gmail.com](mailto:mafeitoza24@gmail.com) ;

<sup>3</sup> Professor orientador: Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, professor de Literatura do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e coordenador de área, na mesma instituição, do subprojeto de Letras - Língua Portuguesa do PIBID. E-mail: [marcelomedeiros\\_silva@yahoo.com.br](mailto:marcelomedeiros_silva@yahoo.com.br) .

desempenhar o papel de fornecer atividades que possibilitem ao aluno ter contato efetivo com a produção de textos dos mais diversos gêneros que circulam em nossa sociedade:

Formar escritores competentes, supõe, portanto, uma prática continuada de produção de textos na sala de aula, situações de produção de uma grande variedade de textos de fato e uma aproximação das condições de produção às circunstâncias nas quais se produzem esses textos. (PCNs, 1997, p. 68).

No entanto, é sabido que produzir um bom texto não é uma tarefa fácil para ninguém. Em se tratando da produção de textos por parte de alunos de nossa educação básica, não são poucas as vezes em que escrever torna-se uma atividade dolorida e enfadonha. As dificuldades em produzir textos são de natureza diversa, mas há certo consenso de que a falta de leitura incide, significativamente, no melhor desempenho na hora de escrever, assim como a falta de atividades cotidianas e significativas para a produção de textos reais. De acordo com Marcuschi (2010), a produção textual é

Uma atividade bastante complexa e pressupõe um sujeito não apenas atento às exigências, às necessidades e aos propósitos requeridos por seu contexto sócio-histórico e cultural, mas também capaz de realizar diversas ações e projeções de natureza textual, discursiva e cognitiva, antes e no decorrer da elaboração textual. (MARCUSCHI, 2010, p.65).

Deste modo, em se tratando do âmbito escolar no ensino fundamental, a prática de produção de textos é realizada sem levar em consideração o que expusemos anteriormente e isso faz com que haja muita frustração por parte do professor que não recebe os textos como esperaria e por parte dos alunos que não conseguem produzir em conformidade com critérios de textualidade, como coesão, coerência, progressão lógica das ideias. Por isso, consoante Marcuschi (2010, p.78) “escrever na escola, portanto, deve ser visto como um ensaio ou mesmo uma prévia convincente do que será requerido dos jovens aprendizes no espaço social”. Ou seja, não é produzir simplesmente para que o professor corrija os erros gramaticais e atribua uma nota, não se trata de produzir para “passar de ano”, mas, sim, exercer uma prática que deve estar voltada para objetivos específicos e que garanta a inserção social dos alunos nas diversas práticas letradas. Logo, a produção de textos na escola deve deixar bem claro para os alunos a razão da escrita, o porquê de escrever, os espaços de circulação do texto. Para que isto aconteça, é necessário criar situações de aprendizagem a partir de “um processo contínuo de ensino/aprendizagem” (SERCUNDES, 2004, p.83).

Se a prática da produção textual encontra resistência por parte dos alunos, estes são mais resistentes ainda quando se exige que eles pratiquem a reescrita do que produziram. Em alguns casos, a reescrita não chega nem a existir. O aluno simplesmente produz um texto qualquer ao qual é atribuída uma nota e o processo de produção textual encerra-se na nota obtida. Na maioria dos casos, os professores alegam não terem tempo para dedicarem atenção a prática da reescrita e esta muitas vezes é vista como sinônimo de higienização, isto é, à eliminação dos desvios de concordância, de ortografia e/ou pontuação apenas, sem, contudo, atinar para as relações de sentido emergentes na interlocução que todo texto escrito estabelece.

É necessário mostrar ao alunado que o processo de reescrita é uma atividade de suma importância que demanda tempo, visto que um texto não fica bom do dia para noite. A reescrita é parte indissociável do processo de escrita. Nesse caso, como sujeito que deve estimular não só a prática de escrita, mas também de reescrita, o professor precisa conduzir o aluno a se apropriar das habilidades precisas para reescrever seu texto: “Se os alunos não

forem alertados quanto aos defeitos de seus textos, através de uma avaliação criteriosa e honesta, torna-se maior a possibilidade de internalizarem a falsa ideia de que não existem parâmetros que orientem a produção do texto escrito” (EVANGELISTA; CARVALHO; LEAL et al. 1998, p. 23).

## **METODOLOGIA**

A experiência aqui descrita ocorreu ao longo de 10 aulas de 45 minutos cada e integrou um conjunto de atividades organizadas, previamente, em uma sequência didática voltada para a produção do gênero “memórias literárias”.

Metodologicamente, as cinco primeiras aulas foram dedicadas para a realização de uma entrevista com uma personalidade marcante da cidade onde se situa a escola em que atuamos. Após essa entrevista, houve a produção da primeira versão do texto “memórias literárias” que tinha que versar sobre o tema “O lugar onde vivo”. Feito isso, as cinco aulas restantes serviram para o aprimoramento do texto por meio do processo de reescrita por parte dos alunos.

Em síntese, nossas ações estiveram estruturadas em quatro momentos: *realização de entrevista* com uma figura importante da cidade para a coleta de dados sobre lembranças, personalidades, eventos marcantes da cidade; *produção* da versão preliminar do texto, reescrita dessa versão preliminar e, por último, *a produção da versão final* do gênero “memórias literárias”.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Quando chegamos à turma em que intervimos, imaginávamos, tendo em vista que nunca tivéramos experiência como regente de ensino, que os alunos já haviam tido contato com o gênero “memórias literárias”, tinha se apropriado do gênero, sabiam as instâncias de circulação deles. Por isso, pensamos que já podíamos chegar e solicitar uma produção ou no máximo organizar a turma para a realização da entrevista e posterior produção do gênero em questão. De fato, os alunos estavam cientes das características e aspectos do gênero, e o nosso objetivo iniciava a partir da produção por meio da realização de uma entrevista com uma personalidade marcante da cidade de Monteiro. Após a realização da entrevista, a nossa preocupação concentrava-se apenas nas produções dos alunos.

Ao desconhecimento do gênero, somaram-se problemas com a própria prática de escrita que não era cotidiana, com a ausência de criatividade, com o pouco domínio do código escrito e da norma-padrão, com a dificuldade de iniciar o texto. Essa dificuldade, por exemplo, foi o que alegaram as alunas **P** e **J**. Ambas afirmavam não saber como começar a história e por isso não conseguiam articular, em um texto próprio, os dados que tinham coletados a partir da entrevista que realizaram. Diante disso, paramos a produção e trouxemos para a leitura em sala exemplares do gênero “memórias literárias” para que os alunos, a partir da leitura de textos concretos, pudessem se apropriar de algumas marcas retóricas e iniciar a produção dos próprios textos assim estes iriam se basear e conseqüentemente produzir seus textos sem muita dificuldade. Depois dessa atividade, a turma conseguiu dar início à produção dos textos, mas a impressão que tivemos era que eles não conseguiam retextualizar

a entrevista realizada para a produção do gênero “memórias literárias”, como pode ser observado na primeira versão do texto da aluna **P**:

*1ª versão- Aluna P*

Meu nome é Paulo Almeida nasci e cresci em Monteiro. Quando eu era criança sofri muito bulim por que a minha cabeça era muito grande, as pessoas me chamavam de cabeção hoje em dia não me importo tanto e todos me chamam de Paulo cabeção e nem ligo. na minha infância trabalhei muito por que minha família não tinha muitas condições e eu precisava ajudar a sustentar minha casa vendia picolé e trabalhava na feira eu gostava de brincar de pião na fabrica de farinha e também tocava as campainhas das casas com meus amigos e daí a gente sai correndo. Quando ele era criança já queria ser pai, hoje ele tem seus filhos trabalhou como feirante, vendedor e hoje tem sua loja de artesanato e se orgulha muito disso.

Como pode ser visto, a aluna **P**, a partir da entrevista, foi introduzindo informações, atrás de informações, esquecendo-se de eleger um aspecto da entrevista que servisse de elemento motivador para a produção da “memória literária”. No entanto, é importante ressaltar que ela teve percebido que uma das particularidades do gênero que deveria escrever era o uso da primeira pessoa do singular, essa é a pessoa que estrutura a narração memorialista que a aluna estava escrevendo, apesar de, nas duas últimas linhas, aparecerem falas na terceira pessoa.

Já a aluna **J** conseguiu selecionar informações e organizar o seu texto, sua primeira versão apresentava uma ideia lógica com começo, meio e fim.

*1ª versão- Aluna J*

Olá, me chamo Paulo almeida, atualmente tenho 58 anos e vou contar um pouco da minha história. Nasci na cidade de Monteiro e como minha infância não foi feita de muitos aconchegos, já aos 8 anos, trabalhava vendendo picolés nas ruas trabalhei como balconista e feirante.

Já sofri bullying quando era mais novo, pelo fato de que meu crânio era maior que os demais, por isso me chamavam de “Paulo cabeção, mas mesmo com tudo isso tive uma infância feliz. Aso 17 anos de idade fui obrigado me mudar juntamente com minhas irmãs para Recife e voltei apenas 23 anos depois, com meus 40 anos de idade.

Atualmente tenho dois filhos, realizando assim, o meu sonho de ser pai, hoje, com os meus 58 anos, mesmo tendo sofrido com a perda da minha mãe, um sobrinho e vários amigos, vivo bem, atualmente trabalho como comerciante e consigo sustentar minha família.

Como pode ser visto, a aluna **J** ordena as informações de forma lógico-temporal coerente, faz uso da primeira pessoa durante todo o texto. Apenas em um momento é que se ale do uso da terceira pessoa. Para o processo de reescrita da aluna **J**, sugerimos através de um bilhete motivacional, com dicas e elogios, alguns questionamentos que estavam associados a acrescentar mais detalhes em cada uma das informações presentes no texto, consertar alguns erros ortográficos e reordenar alguns trechos de maneira que se mantivesse a fidelidade dos fatos apresentados pelo entrevistado. A aluna **J**, ao receber o seu texto corrigido, demonstrou uma certa resistência em ter que refazer. Ela alegava que o texto já

estava bom. Depois de algum tempo, resolveu reescrever e nos apresentou a seguinte versão final:

Reescrita- Aluna J

### Superações de um homem

Olá, me chamo Paulo Almeida, atualmente tenho 58 anos e vou contar um pouco da minha história. Nasci na cidade de Monteiro e como minha infância não foi feita de muitos aconchegos, já aos 8 anos idade, trabalhava vendendo picolés nas ruas trabalhei como balconista e feirante.

Já sofri bullying quando era mais novo, pelo fato de que meu crânio era maior que os demais, por isso me chamavam de “Paulo cabeção, mas mesmo com tudo isso tive uma infância feliz. Aso 17 anos de idade fui obrigado me mudar juntamente com minhas irmãs para Recife e voltei apenas 23 anos depois, com meus 40 anos de idade.

Atualmente tenho dois filhos, realizando assim, o meu sonho de ser pai, hoje, com os meus 58 anos, mesmo tendo sofrido com a perda da minha mãe, um sobrinho e vários amigos, vivo bem, atualmente trabalho como comerciante e consigo sustentar minha família.

Como pode ser visto, as partes sublinhadas apontam as mudanças feitas pela aluna **J**, a qual criou um título para o texto, colocou o sobrenome do entrevistado e o nome da cidade com letra maiúscula que, antes, haviam sido escritos de minúscula, fez alguns acréscimos textuais e a correção de alguns vocábulos que estavam em desacordo com a norma-padrão. Não podemos negar que o texto da aluna **J** ficou bom em relação à primeira versão, mas é notório que ela não aproveitou o tempo destinado ao aperfeiçoamento do texto, pois insistiu em não apresentar detalhes ao texto, não narrou as emoções que foram expressas na entrevista e não estavam descritas na “memória literária” produzida por ela. A impressão que se tinha era que a aluna **J** nunca tinha vivenciada a experiência da reescrita e, não entendendo o motivo pelo qual se pedia para reescrever, mesmo sendo uma excelente aluna, levou a atividade de reescrita como o tempo destinado a “passar a limpo” organizando a letra no papel.

Já a aluna **P**, ao receber o texto de volta com o bilhete motivacional para que fosse feita o processo de reescrita, guardou o texto na bolsa e pôe-se a escrever um novo totalmente diferente do original. Diante daquela situação, fomos até a banca dela e perguntamos por que estava começando do zero. Ela nos disse que o primeiro “não servia” tanto é que estava todo marcado e por isso ia fazer um novo para “ver se prestava”. Assim, explicamos à aluna **P** que um texto não fica bom do dia para noite, todo e qualquer texto passa por um longo processo de escrita/reescrita. Por isso, sugerimos que ela escolhesse um dos pontos do texto original e em cima dele produzisse a memória literária. Ela apresentou muitas dificuldades ao organizar as ideias dentro do texto, mas de maneira geral aproveitou bastante o momento destinado à reescrita e repetiu o processo diversas vezes. Conhecendo as dificuldades da aluna **P** podemos afirmar que o resultado obtido foi muito positivo:

Reescrita- Aluna P

### A máquina do tempo

Meu nome é Paulo cabeção também conhecido em minha pequena cidade de Monteiro como “Paulo cabeção”. Hoje, vou entrar em uma máquina do

tempo e voltar lá onde eu era feliz... existem coisas no meu passado que nem em pensamento quero revive-las. Mas aquela velha infância brincando de pega- pega, esconde- esconde, pião, junto com os meus amigos essa sim quero reviver!

Recordo-me que brincávamos lá na fabrica de farinha, no rio Paraíba e quando já íamos voltado para nossas casas gostávamos de tocar as campainhas das casas pelas ruas da cidade. Desde de criança já existia dentro de mim o sonho de ter filhos.

Cresci e hoje estou aqui relembando o meu passado, minha vida. Como máquinas do tempo não existem, volto para a minha vida adulta e a única coisa que tenho a dizer é que sejam felizes e vivam com responsabilidade.

Comparando a primeira versão da aluna **P** relacionada ao resultado obtido após o processo da reescrita, podemos afirmar que a referida aluna de fato aproveitou esta etapa, visto que a evolução do texto foi notória.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Enfim, concluímos que a visão acerca do processo de reescrita deve ser construída no âmbito escola. Afinal, a partir das análises aqui feitas, podemos considerar que não existe uma resistência dos alunos em relação à reformulação dos textos. O que existe é uma ausência dessa prática, já que escrever é um exercício realizado pelos alunos para meramente obterem uma nota. Quando esta é satisfatória, eles não veem motivos para reescrever. Assim a reescrita a partir da ótica dos alunos torna-se um momento supérfluo sem nenhuma função a ser atingida, uma mera atividade de “passar a limpo” o texto original, associando este momento à visão reducionista da organização da grafia no papel. O resultado disto são reescritas semelhantes ou quase idênticas como foi visto com a aluna **J**. Ou até mesmo reescritas que partem do “zero” como pretendia realizar a aluna **P**, quando pensou que sua primeira escrita de nada serviria e, por isso, devia fazer uma nova produção com características que se afastassem dos aspectos do texto original construído a priori.

Deste modo é necessário mostrar para o alunado o quão importante é o processo de reescrita das produções textuais, a fim de que eles vejam esta etapa como sendo o momento dedicado ao aperfeiçoamento linguístico e comunicativo do texto e isso é um processo que demanda leitura, tempo, dedicação e reformulação das ideias construídas inicialmente. Afinal, um texto não fica bom apenas com a primeira escrita e é necessário mostrar isso aos alunos. E posteriormente propiciar a estes práticas de produção e reescritas de textos no âmbito escolar.

**Palavras-chave:** Ensino de Língua Portuguesa. Produção Textual. Reescrita.

## **REFERÊNCIAS:**

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Língua portuguesa. Ensino fundamental. Terceiro e quarto ciclo. Brasília: MEC/CEF,1997.

EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; CARVALHO, Gilcinei Teodoro; LEAL, Leiva de Figueredo Viana et. Al. **Professor- leitor Aluno- autor**. Reflexões sobre avaliação do texto escolar. Belo Horizonte: Ceale Formato, 1998.

GERALDI, J. Wanderley; CITELLI, Beatriz. **Aprender e ensinar com textos dos alunos**. 6<sup>o</sup> ed. São Paulo. Cortez, 2004.

RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Língua Portuguesa: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da educação, secretaria da educação básica, 2010.